

## CONTO PSICOLÓGICO

A partir de “Flor, telefone, moça”, de Drummond

Uma flor amarela e...

*Quede a flor que você tirou da minha sepultura?*

Por Gislaine Buosi

Sempre visitei cemitérios. Não para conhecer meu lugar, e sim para conhecer o lugar dos outros, tu morres, ele morre... Eu andava devagar, quase dançando. Chorar, não chorava. Em junho, quando as manhãs eram (e são) frias e escuras, meus óculos de osso enxergavam os subterrâneos dos mortos empilhados, e liam os versículos nas lápides, aqui jaz Napoleão Bonaparte, descanse em paz. Chorar, eu não chorava – mesmo. Eu ria, até molhar um lenço e os gerânios dos canteiros, tão bem cuidados pelo jardineiro que, de tão magro, parecia uma caveira – um dia ele morreria de tédio, e não iria muito longe, até a próxima esquina, no máximo, uma cova magra também.

Se algum dia eu fizer um testamento – são úteis, eu acho – vou deixar registrado que proíbo flores sobre mim, desde sempre sem enfeites. Talvez eu nunca faça um testamento, gaiola de pássaro preto e bicicleta com selim rasgado valem nada, e são as coisas de maior valor que tenho.

Minha janela dá para o cemitério, por isso meus passeios. Passei a colher – a arrancar todas as florezinhas, tiriricas de cemitérios, que não prestam nem para consolar o gelado dos cadáveres. Até que colhi aquela maldita flor amarela. E, então, a voz que reclamava a flor feia, cheiro de nada, passou a me aborrecer, *Quede a flor que você tirou da minha sepultura? Quede a flor que você tirou da minha sepultura?* A voz, soprada ao telefone, tão feia e maldita quanto a flor, ia do grave ao agudo, claudicante ao final. A voz era meu carrasco, imaginava-me com os punhos amarrados, a caminho da escadinha que me levaria à sepultura... Quem sabe o vigia do cemitério quisesse pregar-me um susto? *Quede a flor que você tirou da minha sepultura?*

No dia seguinte, a voz não me irritava mais – apavorava-me. Passei a ouvir a cadência dos pingos da torneira me perguntando *Quede a flor que você tirou da minha sepultura?*, depois os cães ladrando *Quede a flor que você tirou da minha sepultura?*, depois a gritaria das maritacas *Quede a flor que você tirou da minha sepultura?*. No sétimo dia já era uma multidão ao meu redor, como se o exército de cadáveres, em coro, me perguntasse *Quede a flor que você tirou da minha sepultura?*

Não sei quantas vezes ouvi a mesma indagação, a cada dia mais suplicante. A verdade é que eu já ia amarela, gelada.

Vi quando passou um cortejo fúnebre. Segui-o, como que fechei os olhos para aquela voz, que insistia *Quede a flor que você tirou da minha sepultura?* À noite, a viúva ainda chorava no pé da sepultura, quando, num gesto mecânico, apanhou uma flor amarela – não sei se, depois, jogou a flor, se a pôs num vaso, se a engoliu. Sei, apenas, que meus óculos de osso enxergaram a viúva que ia longe, e então lhe perguntei, com uma voz que ia do grave ao agudo, claudicante: *Quede a flor que você tirou da minha sepultura?*

Naquele instante, torneira, cães e maritacas calaram-se.

